

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
***CAMPUS* BLUMENAU**
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM QUÍMICA

**Matinta Perera: das bruxas ancestrais em Abya Yala a cientista
amazônica**

Chaiane Batista Moreira

Blumenau
2023

Chaiane Batista Moreira

**Matinta Perera: das bruxas ancestrais em Abya Yala a cientista
amazônica**

Projeto de Trabalho Conclusão do Curso de
Licenciatura em Química do Centro de Blumenau
da Universidade Federal de Santa Catarina como
parte dos requisitos para a obtenção do título de
Licenciada em Química.

Orientadora: Prof^a Dr^a Keysy S. C. Nogueira
Co-orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Luiza de Faria

Blumenau

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moreira, Chaiane Batista

Matinta Perera: das bruxas ancestrais em Abya Yala a
cientista amazônica / Chaiane Batista Moreira ;
orientadora, Keysy Solange Costa Nogueira, coorientadora,
Fernanda Luiza de Faria, 2023.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Blumenau,
Graduação em Química - Licenciatura, Blumenau, 2023.

Inclui referências.

1. Química - Licenciatura. 2. Matinta Perera. 3.
Material paradidático. 4. Ensino de ciências da natureza.
I. Nogueira, Keysy Solange Costa. II. Faria, Fernanda
Luiza de . III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Química - Licenciatura. IV. Título.

AGRADECIMENTOS

A jornada até aqui foi longa e só foi possível graças a minha mãe, Aparecida. A ela sou imensamente grata por tudo que me oportunizou, uma vida será pouco para agradecer, a ela dedico esse trabalho. Amo-te infinitamente.

Agradeço a minha família, minhas irmãs Jaqueline e Janaina e ao meu pai Wilmar por terem me acompanhado e apoiado até aqui. E minha sobrinha Larissa, que apesar de ter acompanhado seu crescimento de longe construímos um vínculo inexplicável, você brilhará independente do caminho que seguir.

Agradeço à minha orientadora Professora Keysy Solange Costa Nogueira, por ter confiado a mim esse projeto e a coorientadora Professora Fernanda Luiza de Faria por ter aceitado embarcar nessa aventura. Para além, por todas as oportunidades que me deram nessa trajetória, por enxergarem em mim potencialidade, vocês foram fundamentais para eu chegar até aqui.

Aos demais Professores do curso de Licenciatura em Química, pela dedicação e empenho para minha formação profissional e humana durante o meu percurso acadêmico.

A Thalia, minha amiga de longa data, apesar da distância sempre esteve presente, obrigada pelo apoio e pelos momentos de desabafo e descontração.

Ao César, pelo companheirismo, por estar ao meu lado comemorando e compartilhando cada etapa vencida, acolhendo meus surtos, mau humor e ansiedade, pelo respeito e apoio ao meu trabalho.

Aos membros da banca que aceitaram participar e contribuir para o desenvolvimento deste trabalho.

A Universidade Federal de Santa Catarina - *Campus Blumenau*, por possibilitar o acesso à educação pública e de qualidade.

RESUMO

Este projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetiva a construção de um livro paradidático envolvendo a temática da figura mítica Amazônica de Matinta Perera, estabelecendo relações com as bruxas da Europa à Abya Yala. Busca-se associar conceitos científicos inerentes à temática, abordando conceitos principalmente da química, biologia e física. Pretendeu-se desta forma, por meio do mito Matinta Perera, considerando a licença poética, apresentar a personagem como uma mulher cientista que vive na Amazônia. Nesse processo de desenvolvimento do livro, foi considerado a decolonialidade da ciência e as questões de gênero. O livro é composto por sete capítulos, onde no primeiro apresenta-se a figura mítica de Matinta Perera, buscando narrar sobre sua origem e ancestralidade. Nos capítulos dois, três e quatro do livro, abrangeu-se diretamente os fenômenos envolvidos no mito Matinta Perera: metamorfose, o seu assobio e as prendas café e tabaco, associadas a aspectos das áreas da ciência da natureza: química, biologia e física. Nos capítulos cinco, seis e sete, buscou-se inserir a personagem em narrativas com relevância histórica, social e política, para abordar os conhecimentos de povos originários e tradicionais, bem como dos povos oriundos do continente Africano. Para isso, criou-se narrativas envolvendo a manipulação do ouro na confecção dos adornos de Matinta Perera e sobre a extração de produtos da floresta para cuidar dos cabelos e da saúde. Para além, estabelece-se uma relação entre as bruxas e as cientistas. E por fim, é efetuada uma abordagem sobre o processo químico adotado para desvenenar a mandioca valendo-se dos saberes indígenas. Espera-se que o livro possa ser utilizado para ampliar os horizontes didáticos e, que por meio do mito Matinta Perera, seja possível explorar conceitos científicos em sala de aula por uma perspectiva não machista e decolonial. Também que desperte interesse de leitores fora do âmbito educacional por trazer uma temática ficcional envolvendo o mito de Matinta Perera, e ainda retratar a cultura amazônica e paraense.

Palavras-chave: Matinta Pereira, ensino de ciências da natureza, bruxa, cientista. Material paradidático.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do e-book.....	20
Figura 2 - Layout padrão para os capítulos do e-book.....	21
Figura 3 - Caixas de textos complementares.....	21
Figura 4 - Contra capa do e-book.....	22
Figura 5 - Processo de metamorfose.....	22
Figura 6 - Destiladores dibikos e tribikos.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
2.1. Objetivo geral.....	8
2.2. Objetivos específicos.....	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3.1 Matinta Perera.....	8
3.2 Bruxas ancestrais a Abya Yala.....	10
3.3 Livros Paradidáticos no ensino de química.....	13
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	14
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
5.1 Construção dos capítulos do livro.....	15
5.2 Produção do e-book.....	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
7. REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

O mito se faz presente em todas as culturas, resiste ao tempo e transforma-se sempre que necessário, permeando todos os fatos e acontecimentos da sociedade humana (CARVALHO, 2014). A cultura amazônica, como muitas outras, tem raízes míticas, é um mundo povoado de seres, signos e fatos que integram o folclore brasileiro, entre eles Matinta Perera (CARVALHO, 2014 ; CRUZ, 2013).

Matinta Perera é um mito regional que se constitui como um personagem das matas, dos ares e dos rios amazônicos, o qual possui poderes zoomórficos. O ente mítico de Matinta Perera é multifacetado, podendo ser representado como homem, mulher, jovem, negra ou branca, mas é mais comumente retratado por uma mulher idosa (FARES, 2007).

Nas narrativas que relatam suas aparições há uma distinção quando o ente mítico é retratado por homem em detrimento a sua representação como mulher. Dessa forma, quando a Matinta é representada por uma mulher/mulher idosa com características sobrenaturais, traz consigo a ideia de maldição devido a um pecado cometido, tendo que manter sua condição em segredo. Em contrapartida, quando esse ente mítico é representado nas narrativas por um homem, geralmente um pajé, é-lhe concedido um olhar de respeito, um poder de médico, conselheiro, aquele que manipula as ervas e se apresenta como detentor da ciência tradicional, podendo exibir sua condição de forma pública (FARES, 2007; SILVA JUNIOR; SIMÕES, 2013; RAMOS, 2020).

A distinção de gênero apresentada nas narrativas de Matinta Perera também está presente no âmbito científico, ao longo da história da ciência, o mérito relativo ao trabalho intelectual esteve associado aos homens, sobretudo, brancos e eurocêntricos. Até o século XX a carreira científica era associada apenas à figura masculina, em que as mulheres eram vistas como incapazes de produzir intelectualmente (SILVA; RIBEIRO, 2011).

Buscando dar um novo olhar para essa figura mítica, neste trabalho, usa-se da liberdade poética para representá-la como uma mulher **Cientista Amazônica**, essa nova personificação é uma construção baseada em todas as outras Matintas que ao longo dos séculos desenvolveram seus conhecimentos e passaram adiante para suas aprendizes, permitindo assim que a magia desse ente mítico se transforma-se também em ciência.

1. OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.1. *Objetivo geral*

O presente trabalho teve como objetivo geral desenvolver um material paradidático para a educação básica e demais interessados em aprender sobre ciência, relacionando conceitos científicos da química, física e biologia com a figura mítica de Matinta Perera.

2.2. *Objetivos específicos*

- Realizar um levantamento exploratório de trabalhos relacionados a Matinta Perera.
- Compreender o que seriam as ancestrais bruxas até Abya Yala e abordar sobre esta discussão no material.
- Criar uma versão da Matinta como mulher e cientista, empoderada da sua cultura, ancestralidade e dos saberes científicos.
- Selecionar os conceitos científicos relacionados às principais características do mito da Matinta Perera para a construção dos capítulos do livro, sendo estas a metamorfose, prendas e o assobio.
- Compreender sobre os conhecimentos e saberes que contribuíram para o desenvolvimento da ciência advindos dos povos originários, tradicionais e de povos do continente Africano.
- Criar textos que possibilitem colocar a Matinta Perera como narradora da história.
- Construir o material paradidático que relacione a figura mítica de Matinta Perera com conceitos relativos às ciências da natureza.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Matinta Perera

Matinta Perera é um mito presente no folclore brasileiro o qual é mais difundido na região norte/nordeste do país. É comumente retratada como uma senhora idosa que pode se metamorfosear em uma espécie de pássaro de hábitos noturnos e transitar pela comunidade em busca de tabaco e café. O que marca a presença da Matinta é seu trinado: fite, fite, fiuiite o qual canta sobrevoando e despertando medo e até mesmo curiosidade naqueles que a percebem nas madrugadas (FONSECA, 2020; JUNIOR, 2014).

Sobre sua nomenclatura, Matinta é uma presença que contém em si distintos nomes com diferente formas de escritas: Matinta-Perera; Matinta Pereira; Mantintapereira; Mati-Taperê, entre outros (FONSECA, 2020; JUNIOR, 2014). No presente trabalho optou-se por referenciar-se ao mito como Matinta Perera.

Carvalho (2014, p. 225) descreve o ser mítico como sendo: “Uma bruxa velha que, quando moça, cometeu grandes pecados, e por isso deve cumprir seu fado”, fado esse que se estabeleceu por intermédio sobrenatural. Segundo Carvalho (2014) para os indígenas Tupinambás, Matinta Perera era tida como a visita da alma de seus antepassados, sendo vista como um ente que estabelece um vínculo entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo (2012), descreve Matinta Perera como uma pequena coruja considerada agourenta, que possui um canto agonizante. O autor a conceitua da seguinte maneira:

Matintapereira. Mati, matitaperê; nome de uma pequena coruja considerada agourenta. Quando, a horas mortas da noite, ouvem cantar o Matitaperê, quem o ouve e está dentro de casa diz logo: “ Matinta, amanhã podes vir buscar tabaco”. “Desgraçado”- deixou escrito Max J.Roberto, profundo conhecedor das coisas indígenas - “ Quem na manhã seguinte chega primeiro àquela casa, porque será ele considerado como o manti. A razão é que, segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformam nesse pássaro para se transportarem de um lugar para outro e exercer suas vinganças. Outros acreditam que o manti é uma maaiua, e então, e então o que vai gritando agourentamente é um velho ou uma velha de uma só perna, que anda aos pulos” (CASCUDO, 2001, p.374).

A Professora Josebel Fares (1997) descreve a personagem mítica de Matinta Perera como sendo multifacetada tendendo entre a invisibilidade e a materialidade. Sendo possível identificá-las como: Matintas invisíveis, que correspondem a serem indefinidos; Matintas pássaros, definidas como seres aéreos, conhecidos como rasga-mortalhas; Matintas terrestres que possuem múltiplas feições as quais se constituem como bruxas do imaginário popular sendo ao mesmo tempo integradas e discriminadas pela comunidade onde vivem. Também se incorpora com outros personagens presentes no folclore brasileiro, como o saci e o curupira, de origens diversas, corporificam em um mito com características semelhantes.

As narrativas que norteiam o mito se configuram em três momentos principais: O primeiro deles é a aparição da personagem mítica, geralmente a noite, em forma de pássaro que desassossega os humanos com o assobio; O segundo momento é o oferecimento de uma prenda que pode ser tabaco e café, para assim se restabelecer a ordem; O terceiro e último é a cobrança e o pagamento da dádiva prometida, que ocorre ao amanhecer, assim, o primeiro que chegar pedindo a oferta pela manhã, decerto será a Matinta Perera que se apresenta com sua forma desmetamorfoseada. A sua personificação pode constituir-se em uma pessoa jovem ou idosa, homem ou mulher, branca ou negra, mas é mais comumente retratada por uma mulher idosa (FARES, 1997, p. 115).

Para Fares (1997), a transformação da pessoa em matinta pode ocorrer por meio de punição ou encantamento, onde a ação responsável pelo infortúnio se relaciona com: ter filhos de relacionamento incestuoso; filhos de padre; pactos demoníacos; a sétima filha seguida do mesmo casal que não for batizado pela irmã mais velha; por repasse de uma matinta, geralmente entregue pela expressão: Quem quer? Quem quer? Quem quer? aquele que responder “eu quero” por descuido, carregará consigo o fardo de ser matinta; por ensinamento, neste caso o repasse é feito, via de regra, a um(a) filha(o) ou neta(o) da matinta.

Matinta Perera possui indutores diversos, desde a sua terminologia a sua personificação, contudo o mito traz consigo elementos característicos que reafirmam sua figura, seja em qualquer forma que se apresente: o assobio agudo; a presença sempre em horários noturnos; a busca por sua prenda, o tabaco e o café.

3.2 Bruxas ancestrais a Abya Yala

Bruxa, feiticeira, maga, mágica, xamã, sacerdotisa, são alguns dos termos associados a mulheres que ao longo da história desempenharam papéis de parteiras, curandeiras, mulheres que construíram pontes com a ciência por meio da manipulação de diferentes plantas.

Contudo, a imagem mais comumente associada a essas mulheres remete a um universo mítico onde são consideradas perversas, adoradoras do diabo, manipuladoras de forças ocultas e profanas. Essas percepções foram construídas por aqueles que detiam o poder, o Estado e a Igreja, que viam essas mulheres como ameaças e, por isso as perseguiram e as condenaram a morte (DIAS; CABREIRA, 2019; MARTINS; CAMPOS, 2023).

A caça às bruxas, iniciadas na Europa, que perpetuaram entre os séculos XV e XVII, se tornaram uma prática emergente no contexto sócio-histórico. As bruxas e as denúncias de seus pecados teriam sido um bode expiatório para as mazelas advindas de mudanças sociais profundas decorrentes de uma grande crise econômica e social, que teve seu auge com a epidemia da Peste Negra em 1348 e perdurou até o final do século XVII (GONÇALVES, 2011; MARTINS; CLARINDO; CAMPOS, 2023; SANTOS, 2021).

A Peste Negra, ao levar a óbito um número considerável de pessoas, faz com que surja a necessidade de aumentar os índices populacionais. O ideal político da elite governante da época era de que maiores populações representavam maior poder do Estado, pois os seres-humanos eram vistos como recursos naturais que trabalhavam e criavam para este. Nesse contexto, emerge a necessidade de o Estado em conjunto com a Igreja controlar as práticas reprodutivas utilizadas na época, lançando uma guerra contra as mulheres por meio da caça às bruxas, criminalizando modos de existência que ameaçavam seu poder político e econômico. Ao criminalizar os conhecimentos produzidos pelas mulheres e estabelecendo o controle sobre seus corpos e sua reprodução, passou-se a demonizar qualquer forma de controle de natalidade, promovendo uma reprovação social e religiosa sobre a liberdade sexual delas (FEDERICI, 2017; SANTOS, 2021).

A perseguição, violência e morte declarada às mulheres cruzou as fronteiras do continente Europeu e acompanhou os colonizadores durante suas invasões nos territórios que foram nomeados americanos, culminando em uma caçada às bruxas em Abya Yala (MARTINS; CAMPOS, 2023).

Abya Yala, é uma expressão originária do idioma Kuna que foi usada pela primeira vez por volta de 1507, mas tornou-se reconhecida no final do século XVIII e início do século XIX, por meio das elites crioulas, para se afirmarem no processo de independência contra os invasores europeus. Essa expressão é usada para se referir ao território que hoje é conhecido como continente Americano. “Yala” é a denominação para terra, território. “Abya” denota mãe, sangue vital. Unidos, os termos entoam novos significados: terra de todos, terra vida, terra madura. Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente a qual representa um processo de construção político-identitário em uma

perspectiva decolonial da história desse território (GONÇALVES, 2009; MARTINS; CAMPOS, 2023).

Antes da chegada dos invasores europeus haviam no continente uma população estimada entre 57 e 90 milhões de habitantes de diferentes etnias: Maia, Kuna, Chibcha, Zapoteca, Guarani, Tupinikin, Kaiapó, Kaxinawa, Tikuna, Terena, Quéchua, Karajás, Yanomami, entre outros. Povos que possuíam diferentes nacionalidades, distintas formas de organização social, com diferentes crenças e rituais, mas que no olhar dos invasores foram vistos de forma homogênea, sendo designados como índios¹, e no processo de colonização roubaram-lhes suas identidades individuais para incorporá-los ao continente “americano”. *Abya Yala* é uma expressão encontrada pelos sobreviventes dos povos originários para superarem essa generalização eurocêntrica, buscando reconhecimento da sua diversidade (GONÇALVES, 2009).

A extensão da caça às bruxas aos povos de Abya Yala, acontece no contexto da invasão e dominação das populações do Novo Mundo. Os invasores constroem uma visão selvagem dos povos tradicionais, impondo em terras colonizadas as mesmas práticas de tortura e assassinatos praticadas na Europa, acrescidas do caráter exploratório e desumanizador. Comportamento este que é posteriormente estendido aos povos escravizados, trazidos principalmente do continente Africano. A caça às bruxas em Abya Yala, foi um meio de desumanização, que junto a repressão, serviu para justificar a escravidão e o genocídio (FEDERICI, 2017; MARTINS; CAMPOS, 2023; NDLOVU, 2017).

Antes da invasão as mulheres de Abya Yala tinham suas próprias organizações em que eram reconhecidas socialmente, praticavam agricultura, eram tecelãs, oleiras, curandeiras, parteiras e herboristas. A estrutura de poder foi mudada com a chegada dos espanhóis, que impuseram suas crenças misóginas e reestruturaram a economia e o poder político em favor dos homens, reduzindo as mulheres à condição de servas. O que condicionou as mulheres se tornarem as principais inimigas do domínio colonial, pois recusaram a se submeter a servidão que foi a elas imposta (FEDERICI, 2017).

No cenário de alteridade construído pelos invasores a figura da bruxa ressurgiu com marcadores raciais, em que sua imagem passa a ser também de mulheres indígenas e negras. Apesar dessas mulheres não serem consideradas humanas pelos colonizadores, isso não impediu que fossem julgadas pelas instituições inquisitoriais, sendo assim perseguidas,

¹ Os invasores europeus, usavam a palavra índio para qualquer povo originário que encontravam pelo território. É um termo raso, que não considera qualquer traço individual destes povos. O termo correto adotado pelos povos originários é indígena, que faz referência à origem, ao lugar de onde vieram essas pessoas contemplando toda a sua diversidade (LUCIANO, 2006).

demonizadas, estupradas, torturadas e mortas (FEDERICI, 2017; MARTINS; CAMPOS, 2023).

Em Abya Yala muitas mulheres possuíam os conhecimentos médicos e estavam familiarizadas com as propriedades de ervas, plantas e remédios curativos, os quais usavam para tratamento de enfermidade do corpo e do espírito. A perseguição contra mulheres acusando-as de bruxaria tinha o intuito de desapropriá-las de seus saberes empíricos, restringindo os lugares ocupados por elas e as isolando do resto da comunidade. Seus saberes eram vistos como ameaças à racionalidade colonial, os quais poderiam destituir os colonizadores da posição dos detentores da verdade (FEDERICI, 2017; MARTINS; CAMPOS, 2023).

Contudo, as caças às bruxas não destruiu a resistência dos povos de Abya Yala. À luta e resistência das mulheres diante os invasores, permitiu que o vínculo dos povos nativos com a terra e a natureza sobrevivesse, bem como a preservação de antigas crenças (FEDERICI, 2017).

3.3 Materiais paradidáticos no ensino de química

Considerando as problemáticas associadas ao processo de ensino-aprendizagem das ciências da natureza, o desenvolvimento de recursos didáticos que possibilitem aos estudantes estabelecerem relações dos conceitos aprendidos com aspectos de suas vivências, e com a realidade social, pode ressignificar o ensino destas áreas. Em consonância, há vários recursos didáticos que podem ser adotados nas aulas para fomentar, por exemplo, a investigação, dentre os quais têm-se o livro paradidático (LP).

Os livros paradidáticos se constituem como recursos alternativos no processo educacional e estão presentes nas mais diversas áreas da ciência, contemplando tanto conteúdos escolares quanto abordando temas transversais, como saúde, ética e meio ambiente, por exemplo. Dentre os livros paradidáticos que abordam conteúdos da área das ciências da natureza, tem-se: “ Os botões de Napoleão: As 17 moléculas que mudaram a história”; “Do que são feitas as coisas”; “ A colher que desaparece”, entre outros.

Esse material pode inserir o educando, bem como o leitor em geral, na leitura e interpretação de textos. Para Almeida e Sorpreso (2011) às leituras produzem diferentes significados e levam os sujeitos a interpretações e reflexões, o que sugere que LP pode ser um recurso promissor para o ensino.

A prática da leitura não deve ser uma preocupação apenas dos professores de língua portuguesa, mas também de todos os docentes das instituições escolares (RODRIGUES, 2015). Além disso, o LP como um recurso didático, pode contribuir para enriquecer as aulas de professores das ciências da natureza, pois comumente em suas aulas adotam como recursos pedagógicos os livros e a lousa, em virtude de as escolas não possuírem outros recursos que poderiam fundamentar os momentos pedagógicos das aulas destas áreas científicas.

O LP ao ser proposto “[...] precisa ser claro, simples, com pensamentos curtos e de fácil apreensão, com mensagens diretas, transparentes, evitando a opacidade da linguagem.” (ZAMBONI, 1991, p.27). Para alguns autores o LP pode ser considerado como instrumento para complementar o livro didático e que pode levar o estudante a acessar conhecimentos não abordados em outros materiais didáticos, dessa forma o objetivo do LP repousa em

[...] viabilizar o acesso dos estudantes ao universo científico e aos conhecimentos necessários para a vida em sociedade por meio de leitura contextualizada com o cotidiano dos alunos, prezando também pela apropriação dos fatos históricos relacionados ao conteúdo e demonstrando a forma em que foram produzidos os conhecimentos científicos (BENETI, 2008, p. 25).

Para Beneti (2008) se o LP for elaborado considerando esses objetivos apresentados no excerto acima, o livro poderá levar o estudante a interessar-se mais pela disciplina.

Os autores Campello e Silva (2018) consideram que há dois tipos de LP, o primeiro seria o informativo que complementa o livro didático, enquanto o segundo seria ficcional, que engloba elementos de ficção e pedagógicos. Neste projeto foi proposto um livro que aborda os dois elementos, pois adota o mito da Matinta Perera como uma cientista e também permeia elementos pedagógicos a partir da construção de conhecimentos científicos.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos nesse trabalho foram necessárias quatro etapas. Em um primeiro momento realizou-se um levantamento exploratório sobre materiais referentes ao ente mítico Matinta Perera, os quais abrangeram artigos científicos, livros, vídeos e dissertações de mestrado.

Na segunda etapa para estabelecer uma relação da figura mítica Amazônica de Matinta Perera com as bruxas da Europa à Abya Yala realizou-se uma investigação em artigos, livros, dissertações e teses que abordassem essa temática.

Em um terceiro momento, após a pesquisa, seleção e análise dos materiais encontrados, foi possível definir as temáticas que estruturariam os capítulos do livro, as quais envolvem as características em torno do mito Matinta Perera. Por fim, na quarta etapa, foi realizada a produção do livro paradidático (LP) no formato digital (*e-book*).

Para a construção do e-book envolvendo o mito de Matinta Perera, inicialmente foram produzidos textos usando a plataforma Google Docs. Além disso, foram elaboradas ilustrações digitais usadas na construção da capa, contra-capas, bem como outras ilustrações referentes aos sete capítulos que estruturam o livro. Os desenhos foram desenvolvidos exclusivamente para o material paradidático do presente trabalho. Na sequência, os textos e ilustrações foram compilados por meio da plataforma de designer gráfico online *Canva*, onde realizou-se também a diagramação dos capítulos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguidas todas as etapas pré-estabelecidas na metodologia, chegou-se ao resultado da criação de um livro paradidático intitulado “*Matinta Perera: um chamado da ancestralidade*”. O livro é ilustrado e se destina principalmente a estudantes do ensino médio e a professores do ensino das áreas da ciência da natureza, principalmente da química. Sendo estruturado em sete capítulos, juntamente com os tópicos de apresentação: sumário, considerações finais e referências.

O material desenvolvido tem como intuito despertar o incentivo à leitura e complementar o processo de ensino e aprendizagem, podendo ser inserido dentro de sequências didáticas e trabalhado como ferramenta de avaliação e promoção de um olhar mais crítico e reflexivo sobre questões históricas inerente a ciência associados a figura de Matinta Perera.

O livro ainda pode ser de interesse de outros leitores fora do contexto da educação básica, uma vez que traz uma temática ficcional que tem como pano de fundo o mito de Matinta Perera, retratando a cultura amazônica e paraense, a ancestralidade das Bruxas da Europa em Abya Yala, a decolonialidade da ciência e relações de gênero, que vão, portanto, além da abordagem de conhecimentos científicos.

5.1 Construção dos capítulos do livro

Para os autores Oliveira Junior e Ciabotti (2017) uma das alternativas para que o conhecimento seja construído dentro da história do livro paradidático é criando uma contextualização, onde haja um sujeito que vai transmitir informações, fazendo-se assim necessário a criação de personagens fictícios. Para a elaboração do presente trabalho usou-se de um personagem já existente no folclore brasileiro sendo este, Matinta Perera a qual é inserida na história como narradora.

Buscou-se apresentar essa figura mítica por uma perspectiva diferente daquela retratada nas narrativas populares, dessa maneira, usou-se da licença poética para apresentar Matinta Perera como uma mulher Cientista Amazônica. Diante disto, para a elaboração dos textos de cada capítulo, criou-se contextos onde a personagem de Matinta Perera explica os fenômenos envoltos ao seu mito: metamorfose, seu assobio, prendas que recebe - geralmente café e tabaco. Além de temas associados à Floresta Amazônica e dos povos de Abya Yala, bem como povos advindos do Continente Africano.

O livro inicia com uma introdução onde apresenta-se de forma breve a figura mítica Matinta Perera, buscando também resumir as temáticas apresentadas ao longo da obra.

O primeiro capítulo do livro foi intitulado “*Muito prazer, sou Matinta Perera! Minha origem e ancestralidade*”, o qual apresenta todas as características em torno do ente mítico Matinta Perera e como sua representação se dá pelo imaginário popular, principalmente na região Norte do Brasil, onde o mito é mais difundido.

Para a construção dessa etapa, dentre as referências selecionadas, destaca-se a dissertação de mestrado “*Imagens da mitopoética amazônica: um memorial das Matintas Pereiras*” da Professora Josebel Fares (1997), que permitiu a compreensão do mito, possibilitando assim a construção deste trabalho. Para além, neste capítulo buscou-se relacionar o ente mítico Matinta Perera com as bruxas da Europa até Abya Yala associando a elas a sua origem e ancestralidade. Para tal, usou-se como referência principal a obra “*Calibã e a Bruxa*” da autora Silvia Federici (2017) e o artigo “*Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades*” do autor Carlos Walter Porto- Gonçalves (2009).

O segundo, terceiro e quarto capítulo do livro abrangem diretamente os fenômenos envoltos do mito Matinta Perera: metamorfose, seu assobio e as prendas, café e tabaco. O capítulo dois tem como título “*Metamorfose: A Matinta Virou Pássaro!*”, onde aborda-se a narrativa em que a personagem Matinta Perera explica sobre como alguns animais passam pelo processo de metamorfose sem usar a magia, diferentemente dela ao se transformar na coruja Suindara (espécie *Tyto furcata*). Para isso, explora-se a ação dos hormônios durante a metamorfose dos insetos e anfíbios anuros usando como base para a explicação as áreas da

química e da biologia. As informações relacionadas tanto a biologia como a química foram compiladas de livros, artigos, dissertações e teses.

O terceiro capítulo foi nomeado de “*Fit, Fite, Fiuite.... Qual a frequência do assvio de Matinta Perera?*”, e teve como objetivo desmistificar a vocalização da coruja Suindara a qual muitas vezes é associada a mau agouro. Para isso, coloca-se a personagem Matinta Perera buscando compreender por meio da biologia e da física o motivo das pessoas temerem sua vocalização. A explicação se divide em três momentos, primeiramente usa-se de conceitos inerentes a área de biologia para explicar sobre a anatomia dos pássaros, explorando quais órgãos são responsáveis pela vocalização. A segunda parte aborda sobre ondas sonoras e é explicada por meio da física. Por fim, explica-se como o som é percebido pelos ouvidos humanos e o que faz ele ser agradável ou não. Os conceitos e informações que permitiram a explicação foram retirados de livros de física e de biologia, além de artigos relacionados com o tema.

No quarto capítulo intitulado “*Lá vem Matinta buscar sua prenda!*”, foi abordado sobre o café e o tabaco. Este capítulo foi dividido em duas partes possuindo dois subtítulos: “*Café: a prenda favorita de Matinta Perera*” e “*Tabaco: uma prenda carregada de história e química*” respectivamente. Na primeira parte a qual aborda sobre o café, construiu-se uma narrativa em que por meio da química explora-se as propriedades da molécula da cafeína, para além coloca-se a personagem Matinta Perera ensinando um método da extração dessa molécula usando dos grãos de café que recebe como prenda. Também são abordados aspectos históricos, políticos e econômicos envolvendo essa prenda.

A segunda parte deste capítulo fala sobre o tabaco, nele são abordados diferentes usos da planta pelos povos indígenas que habitavam/habitam o Continente Americano - terras de Abya Yala. Em sequência é explorado quimicamente a molécula da nicotina e como essa substância age no organismo humano. Para a construção do texto referente às propriedades químicas, bem como a forma de extração das moléculas de nicotina e cafeína, usou-se de livros de química geral e química orgânica, além de roteiros experimentais. As demais informações foram compiladas de artigos, dissertações e monografias.

Nos capítulos cinco, seis e sete introduziu-se elementos que não estão presentes diretamente nas narrativas de Matinta Perera mas, que foram considerados necessários à temática proposta para este trabalho. Dessa maneira, buscou-se inserir a personagem em narrativas com relevância histórica, social e política, para abordar os conhecimentos de povos originários e tradicionais, bem como dos povos oriundos do continente Africano, visto que houve uma tentativa de apagamento de suas identidades e seus saberes ao longo da história.

O quinto capítulo, nomeado “*O uso do ouro por Matinta Perera*”, foi dividido em três partes onde a narrativa abrange diferentes aspectos relacionados ao elemento químico ouro (Au). Inicialmente, parte-se da premissa que a personagem Matinta Perera se utiliza da magia para transmutar metais comuns em ouro e poder fazer suas jóias. A partir disso, a personagem explica por meio da ciência como esse processo poderia vir a ser realizado, explorando a estrutura atômica do elemento ouro e de elementos que poderiam ser transmutados. E com base em evidências, ela justifica o porquê de não ser possível e viável sua realização em laboratórios sem o uso da magia. Em sequência, Matinta passa a explicar as etapas de manipulação de ouro para produzir os seus adornos, aqui são exploradas as propriedades físicas do metal, como temperatura de fundição, dureza e ductilidade. Ao longo do texto também são apresentados as características físico-químicas que fazem o ouro ser apreciado e utilizado por diferentes culturas e sociedades ao longo da história.

Na terceira etapa deste capítulo buscou-se abordar sobre a mineração do ouro em um contexto brasileiro, onde apresenta-se as diferentes técnicas de mineração e como grande parte destas foram introduzidas a partir dos conhecimentos e tecnologias desenvolvidos pelos povos escravizados advindos do continente Africano em especial da região nomeada Costa da Mina, durante o período colonial (1500-1822). Para além, por meio da química, explica-se sobre o uso do mercúrio no processo de extração do ouro, discutindo ainda sobre os impactos ambientais e sociais causados pelo uso desse método de mineração. As informações apresentadas ao longo deste capítulo derivam principalmente de artigos e dissertações, mas outras fontes como livros e monografias também foram consultadas.

O sexto capítulo intitulado “*O ingrediente secreto de Matinta Perera: da cura ao embelezamento*” teve como objetivo abordar as propriedades químicas do óleo de andiroba. A narrativa inicia apresentando sobre a árvore Andirobeira (*Carapa guianensis* Aubl.) e como se dá seu uso pelas comunidades tradicionais da Amazônia. Para apresentar sobre o óleo de andiroba cria-se uma narrativa em que a personagem Matinta Perera explica como extrair o óleo a partir de métodos tradicionais e em seguida analisá-lo e elucidar sobre sua composição. Os principais componentes explorados ao longo do texto foram os ácidos graxos e os limonóides, sendo considerado para a narrativa, as propriedades medicinais e cosméticas destas substâncias .

Para poder abordar sobre os métodos de extração do óleo de andiroba usou-se de cartilhas, artigos científicos e monografias que discorriam sobre o tema. Já os dados sobre a composição do óleo foram compilados de diferentes materiais que apresentavam técnicas de análise e resultados sobre a sua composição, sendo estes artigos científicos e teses. Por fim,

usou-se de artigos de revisão e monografias que abordavam sobre propriedades medicinais e cosméticas do óleo dos ácidos graxos e limonóides.

O último capítulo nomeado de “*Por trás de toda bruxa há uma cientista!*” foi dividido em duas partes. Em um primeiro momento na narrativa a personagem Matinta Perera apresenta a cientista Maria a Judia que viveu no séc 3 a.C, e relata sobre suas invenções, algumas usadas até os dias de hoje. A partir dessa introdução, a personagem faz uma conexão com as mulheres que foram acusadas de bruxaria por deterem conhecimentos que na atualidade são considerados ciência, mas que aos olhos dos inquisidores eram tidos como uma ameaça ao seu poder. Seguindo essa premissa são citadas diferentes mulheres que ao longo dos séculos contribuíram no desenvolvimento de distintas áreas da ciência, mas para as quais não foi concedido o devido reconhecimento.

Na segunda parte deste capítulo é introduzido um subtítulo: *As Heranças de Abya Yala: as contribuições ancestrais para desenvolvimento científico*, e nele teve-se o intuito de discorrer sobre os conhecimentos dos povos indígenas que foram fundamentais para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia moderna, mas que acabaram sendo apropriados pelos povos invasores que passaram a tratá-los como seus.

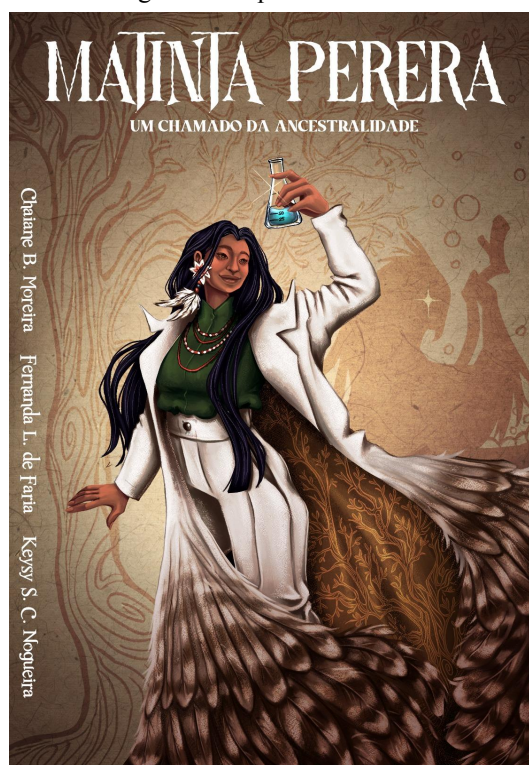
Para abordar sobre as técnicas desenvolvidas pelos povos originários, coloca-se a personagem Matinta Perera se valendo de seus saberes para realizar o desvenenamento da mandioca. A personagem passa a descrever as técnicas utilizadas pelos indígenas, explicando o porquê da planta ser venenosa e ter que ser processada antes de ser consumida. Na elaboração do texto deste capítulo usou-se informações compiladas de páginas da web, vídeos, artigos científicos, teses, dissertações e monografias.

5.2 Produção do e-book

Depois da elaboração dos textos dos capítulos apresentados no item anterior, iniciou-se o processo de construção do e-book. Inicialmente definiu-se as dimensões de cada página, a paleta de cores, fonte para títulos, subtítulos e textos. As dimensões do e-book utilizadas na plataforma online *Canva* foram as livreto: largura 210 mm e altura 297 mm. A paleta de cores escolhida abrangem a cor marrom claro, bordô, branco, preto, verde e ciano. A fonte utilizada na escrita dos textos e dos subtítulos foi *Open Sans* no tamanho 15 na cor preta, os subtítulos estão grifados em negrito. Para os títulos de cada capítulo usou-se *Old Standard* com tamanho 28 na cor bordô.

Para a capa do e-book buscou-se criar uma ilustração que fugisse da imagem estigmatizada da bruxa difundida no imaginário popular, essa que muitas vezes é representada com traços de velhice, feiura e que praticam malvadezas, etc (JACOBY, 2009). Nessa perspectiva, objetivou-se que a ilustração trouxesse elementos relacionados ao mito de Matinta Perera, mas que ao mesmo tempo a representasse com uma mulher cientista de origem Amazônica. A capa pode ser vista na Figura 1.

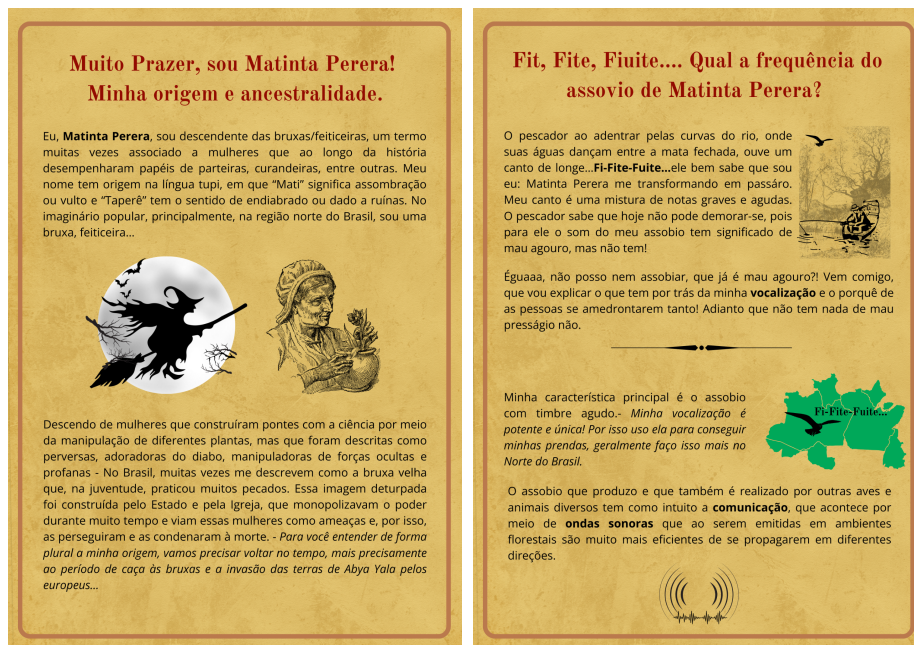
Figura 1 - Capa do *e-book*



Fonte: elaborado por Isadora de Oliveira Freitas, 2023

Para cada capítulo do livro paradidático utilizou-se como layout padrão uma página com fundo na cor marrom claro, a qual remete a tonalidade de papiro, contendo: o nome do capítulo centralizado na parte superior da página na cor bordô, texto elaborado contendo a história sendo mesclado com imagens. O layout dos capítulos pode ser visto na Figura 2.

Figura 2: Layout padrão para os capítulos do ebook



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Ao longo de alguns capítulos também julgou-se necessário inserir informações complementares ao leitor referente a conceitos utilizados dos textos. Para tal, inseriu-se caixas informativas que iniciam com: *Você sabe o que é ...?*, como mostrado na Figura 3.

Figura 3 : Caixas de textos complementares



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Das ilustrações usadas, cinco delas foram elaboradas pela ilustradora Isadora de Oliveira Freitas, sendo elas a capa vista na Figura 1, a contracapa Figura 4, o processo de metamorfose Figura 5, os destiladores dibikos e tribikos Figura 6. As demais imagens foram retiradas do banco de dados da própria plataforma do Canva, na versão pro (paga) e não seguiram um padrão de cor e tamanho, foram usadas as que apresentavam elementos que remetesse ao texto.

Figura 4 - Contracapa do *e-book*



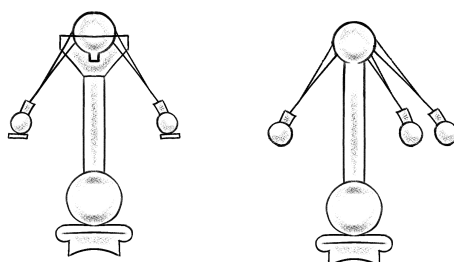
Fonte: elaborado por Isadora de Oliveira Freitas, 2023

Figura 5 - Metamorfose da Matinta Perera



Fonte: elaborado por Isadora de Oliveira Freitas, 2023

Figura 6 - Dibikos e Tribikos



Fonte: elaborado por Isadora de Oliveira Freitas , 2023

De modo geral, no processo de construção do e-book buscou-se articular histórias em que a figura mítica de Matinta Perera passa a narrar aspectos da ciência em torno do seu mito, bem como resgata os saberes e conhecimentos dos povos de Abya Yala, povos tradicionais e dos povos Africanos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do livro paradidático como recurso pedagógico, pode vir a contribuir para uma aprendizagem efetiva, podendo este ser usado como uma ferramenta para a leitura e a interpretação de texto subsidiando a construção do conhecimento.

No presente trabalho buscou-se por meio do mito da Matinta Perera, criar um material com narrativas envolvendo conceitos das áreas da ciência da natureza, sendo este diverso nas informações sem ao mesmo tempo ser complexo de ser compreendido. Dessa maneira, pode ser usado na realização de discussões e reflexões nas aulas de ciências, principalmente as de química, abordando questões que tangem conhecimentos e saberes advindos de povos que tiveram suas identidades apagadas ao longo da história, bem como refletir sobre o espaço da mulher no meio científico, considerando que a própria personagem é retratada como uma mulher cientista com raízes Amazônicas.

Neste sentido, o livro paradidático aqui proposto, tem como potencialidade de ser utilizado para ampliar os horizontes didáticos e, que por meio do mito Matinta Perera, seja possível explorar conceitos científicos em sala de aula por uma perspectiva não machista e decolonial. Também pode vir a despertar interesse de leitores fora do âmbito educacional por abordar uma temática ficcional envolvendo o mito de Matinta Perera, e ainda retratar os saberes da cultura amazônica e paraense, por meio de visibilidade positiva para estes.

7. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. P. M.; SORPRESO, T. P. **Dispositivo analítico para compreensão da leitura de diferentes tipos textuais: exemplos referentes à Física**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1, p. 83-95, jan./abr. 2011.
- BENETI, A. C. **Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2008.
- CAMPELLO, B. S; SILVA, E. V. da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 64- 80, 5 out. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2018.143430>.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do Imaginário Ribeirinho Amazônico. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 221-230, jun/dez. 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 1 ed. São Paulo: Global, 2012. 382 p. Recurso digital.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, Rio de Janeiro.
- COSTA, Nelson Lage da; PIVA, Teresa Cristina de Carvalho; SANTOS, Nadja Paraense dos. **MARIA A JUDIA E A ARTE HERMÉTICO-MOSAICA**. [S.l.], p. 599-605, Disponível em: <https://docplayer.com.br/27626585-Maria-a-judia-e-a-arte-hermetico-mosaica.html>
- CRUZ, Nathália da Costa. **As mitopoéticas na obra de Paulo Nunes: ensaio sobre literatura e educação na amazônia**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.
- DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. A imagem da bruxa: da antiguidade histórica às representações filmicas contemporâneas. **Ilha do Desterro A Journal Of English Language, Literatures In English And Cultural Studies**, [S.L.], v. 72, n. 1, p. 175-198, 1 fev. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/Q8cJDfsgznTRCpnQdzwc5Jw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- FARES, Josebel Akel. **IMAGENS DA MITOPOÉTICA AMAZÔNICA: um memorial das matintas pereras**. 1997. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.
- FARES, J. A. Imagens da matinta perera em contexto amazônico. **Revista Boitatá**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Londrina, v. 03, p. 01-17, 2007

FONSECA, Roseany Karimme Silva. Era Matinta?: aproximações entre uma personagem do teatro de rua e a mitopoética amazônica. **Sentidos da Cultura**, Belém, v. 7, n. 13, p. 57-69, dez. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 464 p. Tradução: Coletivo Sycorax. Título original: **Caliban and the Witch**: Women, the body, and Primitive Accumulation. Autonomia, 2004.

GONÇALVES, Bruno Galeano de Oliveira, XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **O MAL DA BRUXARIA**. São Paulo, 2011. 17 p. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299637317_ARQUIVO_2011-XXVIANP_UH-Artigo-Omalda Bruxaria.pdf. Acesso em: 01 jul. 2023.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto-. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S.L.], n. 20, p. 25-30, dez. 2009. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231>. Acesso em: 04 jul. 2023.

JACOBY, Sissa. A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 86-91, out. 2009.

LACERDA, Ariadne Fernandez. **A presença feminina na história da ciência**: a construção e demonização das bruxas na Europa medieval. 2017. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Química Industrial, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MESSIAS, Maria Cláudia Novas. **Incantatrix tropical: bruxaria e resistência feminina no Brasil colonial**. 2021. 321 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MARTINS, Rafaela Werneck Arenari; CAMPOS, Mauro Macedo. Bruxas e seus saberes ancestrais: um olhar a partir das perspectivas feministas decoloniais. **Revista Tomo**, [S.L.], v. 42, p. 1-16, 11 jan. 2023. Revista TOMO. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/17612/13536>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARTINS, Rafaela Werneck Arenari; CLARINDO, Adriely de Oliveira; CAMPOS, Mauro Macedo. Bruxas, curandeiras e benzedoras: existências e resistências. **Mosaico**, [S.L.], v. 15, n. 23, p. 201-225, 3 maio 2023. Fundação Getúlio Vargas.

MORTIMER, E. F. MACHADO, A. H.; ROMANELLI, L. I. A proposta curricular de química do Estado de Minas Gerais: fundamentos e pressupostos. **Revista Química Nova**, v. 23, n.2, p.273- 283, 2000.

NDLOVU, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI? Uma guinada decolonial. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, nº1, 2017, p. 127-144.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ailton; CIABOTTI, Valéria. Aspectos da elaboração de livro paradidático para o ensino de Probabilidade nos anos finais do Ensino Fundamental. **Revista Thema**, [S.L.], v. 14, n. 4, p. 82-99, 6 dez. 2017. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.82-99>.

REVISTA ABYA YALA. Brasília: Universidade de Brasília. Departamento de Estudos Latino-Americanos, v. 6, n. 2, 2022. Semestral. Revista Sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas. (ISSN 2526-6675) Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/issue/view/2588/793>. Acesso em: 04 jul. 2023.

RAMOS, Andressa de Jesus Araújo. Matintaperera: de bruxa medieval e feiticeira amazônica à jovem que gostava de luxar. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, [s. l], v. 18, n. 18, p. 3-17, 2020.

RODRIGUES, M. A. A leitura e a escrita de textos paradidáticos na formação do futuro professor de Física. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 21, n. 3, p. 765-781, 2015.

SANTOS, Nathalia Lima dos. **“Queimem a bruxa!”**: o controle de corpos e sexualidades da caça às bruxas à “ideologia de gênero”. 2021. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio), Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55285/55285.PDF>. Acesso em: 01 jul. 2023.

SERRA, Vítor Santos; ARAUJO, Genira Carneiro de. Elaboração e avaliação de um livro paradidático para ensino e aprendizagem de aspectos históricos associados à descoberta dos compostos de coordenação. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 6, p. 63539-63558, 25 jun. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n6-639>.

SILVA JUNIOR, Fernando Alves; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. O imaginário e representação feminina na narrativa mítica da Matintapereira. ArcaPará-Bragança PA. **Revista Boitatá**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll: Boitatá, Londrina, n. 15, p. 181-196, jan-jun 2013.

SILVA JUNIOR, Fernando Alves da. O mito da Matinta Perera de Taperaçu Campo e o conceito de dádiva: aproximando-se de um conceito antropológico. **Rev. Antropol. (Online)**, [S.L.], p. 484-502, 29 jul. 2014.

SILVA, Fabiana Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA: Problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, [s. l], n. 10, p. 1-25, dez. 2011.

ZAMBONI, Ernesta. **Que história é essa?** Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História. 1991. 233 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1991.